

TEMPESTADE NO PLANALTO

“Não vou mudar Ministério”, afirma FH

191

Wilson Pedrosa/AE



Sobre documento de ACM contra Sivam: “Não vi, não sei dele e nunca me informaram sobre tal coisa”

Segundo ele, não dá para mudar a equipe “a essa altura dos acontecimentos”

MIRIAM MOURA

KUALA LUMPUR — Pouco antes de deixar a capital da Malásia e embarcar para Madri, o presidente Fernando Henrique Cardoso decidiu colocar um ponto final nas informações em torno de mudanças na equipe ministerial: “A decisão é minha e não vou mudar Ministério nenhum.” O presidente afirmou que não pensa em trocar integrantes do primeiro escalão “a essa altura dos acontecimentos” e assegurou que, na hora que considerar necessária trocas na equipe, consultará os líderes dos partidos aliados.

Fernando Henrique garantiu não ter conhecimento do documento que o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), presidente da comissão especial que investiga o Sivam, assegura possuir e que colocaria em risco a manutenção do acordo com a empresa norte-americana Raytheon para a instalação do projeto de vigilância da Amazônia.

O presidente fez questão de diminuir a repercussão do episódio de divulgação da pasta rosa e disse não acreditar que o vazamento da lista com os nomes dos políticos financiados pelo Econômico na campanha de 1990 provoque a demissão coletiva da diretoria do Banco Central. “Eles não atuam por impulso, como eu também não, e são pessoas de responsabilidade.”

A seguir, os principais pontos da entrevista do presidente:

Sivam — “Repito o que tenho dito sempre: se houver alguma coisa irregular, corrijo. É preciso que as pessoas tenham acesso à informação e respondam. A Aeronáutica vai ter de dizer se é assim, se não é assim, qual é a informação. Se o documento (do senador Antônio Carlos Magalhães) for de natureza a comprometer a decisão, obviamente, não só o Senado tem obrigação de proceder de maneira a não aprovar, mas antes disso retiro o projeto. Mas tenho de ver, não vi o documento, não sei do documento, nunca me informaram deste documento. Se for apenas disse-que-disse, isto acaba, passa.”

Há um compromisso 100% do governo do Brasil com o Sivam. Houve uma decisão no governo anterior de entregar o contrato à Raytheon, esta decisão foi referendada pelo Senado. Para mudar isto é preciso que haja uma razão fundamentada. Não havendo, seria uma irresponsabilidade. Em relações contratuais entre empresas ou entre países, não se pode atuar com emoção.”

Banco Central — “O Mausch (diretor de Normas do BC) é um funcionário competente, que reorganizou o Banco Meridional, um homem sério. Duvido que ele faça algo como dar documentação secreta. Agora, se esteve na responsabilidade dele no momento em que foi vazado, ele tem de explicar, como os outros também. Mas isto não implica em juízo precipitado. Pode inclusive ter sido vazado na fase anterior, quando estava no Econômico.”

Não tenho medo de demissão coletiva. Fui eleito por 34 milhões de pessoas para governar o Brasil da maneira que me parece, juntamente com o Congresso, a melhor. Não creio (a respeito de demissão coletiva). Os diretores do BC me conhecem e eu os conheço, são pessoas que têm responsabilidade, não atuam por impulso, como eu também não. Não conversei com o Loyola (depois da ida para a China), isto é tarefa do ministro da Fazenda. Não conversei com o Malan por telefone.

Sarney — “Falei com o senador Sarney ainda ontem por telefone. Ele veio muito contente dizer que o Senado aprovou tudo o que nós pedimos, sem exceção. O senador tem tido uma ação de cooperação contínua com o governo. Não houve críticas, não. Houve observações dele que eu devia dizer que era fácil governar o Brasil, vírgula, graças a Deus. Com a experiência de ex-presidente, ele falou graças a Deus o tempo todo, porque foi muito difícil governar na época dele. Sempre é difícil governar. Mas esta dificuldade a gente supera com boa vontade, com convicção. Levando assim é fácil, graças a Deus.”

Ele não criticou o Comunidade Solidária, disse que é preciso fazer mudanças estruturais. O Comunidade Solidária é estrutural. Acho que a falha é minha por não ter explicado ao presidente Sarney o que nós estamos fazendo, já estamos fazendo estas mudanças estruturais, depende só do Congresso. Por exemplo, na educação, pagar melhor os professores, depende do Congresso.